



Prêmio
Maria José Maldonado
de Literatura
2019

Antologia de Textos Premiados

Academia Volta-redondense de Letras

José Huguenin
(Organizador)

Antologia de textos premiados

**Prêmio Maria José Maldonado de
Literatura 2019**

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2019

2019 © Academia Volta-redondense de Letras

2019 © Vários autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Letras, Academia Volta-redondense de

Antologia de textos premiados PMJML 2019 /
Academia Volta-redondense de Letras / Vários Autores . org. José
Huguenin 2019.

ISBN 978-85-69545-10-1

1. Coletânea de Poemas. I. Título.

2. Coletânea de Contos. II. Título

CDD:808.81

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Coordenação Editorial: José Huguenin

Organizador do PMJML 2019: José Huguenin

SUMÁRIO

Apresentação

Realinhando objetivos..... 6

José Huguenin

Maria José Maldonado.....8

Jean Carlos Gomes

Textos Premiados – Categoria Autor

Contos Premiados.....11

Poesias premiadas83

Apresentação

Primeiros objetivos alcançados: é preciso seguir em frente

No segundo ano em seu novo formato, aberto apenas à escritoras e escritores da região Sul Fluminense, posso dizer que PMJML 2019 alcançou um de seus principais objetivos. Destacamos e publicamos poemas e contos que enriquecem o acervo da produção literária de escritores da região. Vale destacar que não se trata de regionalismos, pois a qualidade das obras tem grande universalidade. A edição de 2019 traz, inclusive, certos experimentalismos, o que se espera de uma arte em movimento, mostrando, assim, que a produção literária da região está viva e é pujante. Assim, acredito que o PMJML cumpre seu papel ao ser um espaço adicional para extravasar essa pujança, para incentivar a produção, para abrir espaço a novos escritores e escritoras. Através do PMJML conheci poetas e contistas formidáveis e tenho certeza que os leitores desta antologia poderão ter contato com novas autoras e novos autores e conhecer suas obras.

Com este objetivo alcançado, é preciso galgar novos desafios...os sonhos movem a arte! E, na minha visão, um ponto que precisa avançar é a participação de autores de um número maior de cidades do Sul Fluminense. Se olharmos no edital as

idades que geopoliticamente constituem nossa região e compararmos com a origem de todos os participantes, temos que um pouco menos da metade das cidades teve representação no concurso. Então, um dos desafios é ampliar a participação das cidades da região de forma que o PMJML possa ser um ponto de encontro da produção literária, um agente integrador da região. Esse é o desafio para as próximas edições... e ele nos move!

Até lá, aproveitem a leitura das belíssimas peças literárias que compõe esta antologia de textos premiados. Apresentamos os contos e poemas premiados por ordem alfabética dos autores, acompanhados de pequenas biografias enviadas pelos mesmos. O texto de cada autora e autor vem logo após sua apresentação.

Boa Leitura!

José Huguenin

Cadeira 17

Organizador do PMJML 2019

Coordenador Editorial da AVL

Maria José Maldonado

Maria José Bulhões Maldonado, poetisa que nasceu em Extremoz, Alentejo, Portugal a 20 de setembro de 1922,. Morou na cidade do Porto e em 1956, fixou residência em Lourenço Marques, Moçambique. Mudou-se para o Brasil em 28 de março de 1975, fixando-se na cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu por dois anos. Em 1977 chegou a Volta Redonda, onde residiu até o dia do seu falecimento ocorrido em 13 de novembro de 2010 em sua residência.

Em Moçambique escreveu dois livros: *Cântico à vida*, editado em Coimbra – Portugal em 1967 e *Teia do Tempo*, editado em Lourenço Marques, Moçambique, em 1972.

Em Volta Redonda, publicou os livros *Dias Habitados* em 1985, *Perspectivas de Pássaro* em 1990, *Navegante da Palavra*, 1998 e *Amor-Mundi* (Antologia com inéditos e textos dos cinco livros anteriores), 2009.

Foi fundadora da Academia Volta-redondense de Letras.

Jean Carlos Gomes

Cadeira 29

Poeta, Editor,

Contos Premiados

Alcimare Silva Dalbone

Volta Redonda

Alcimare Dalbone nasceu em 1980, em Volta Redonda – RJ – Brasil, onde ainda reside. Pela Editora Andross teve as poesias Ausência e Presença publicadas na antologia Estações e, em Trilha de Lótus, a poesia Pontos e Partes foi indicada ao prêmio Strix. Pela editora Villa-Lobos publicou A decisão na antologia Um céu e estrelas. Pela Young Editorial, participou de Horror a Vapor com o conto Plataforma 90, e teve seu primeiro romance A Pedra Lunar relançado, em setembro de 2016, na Bienal de SP.

Escrever é sonhar

Começa a entardecer e tenho a terceira crise de ansiedade. Aproxima-se a hora marcada com a jornalista que irá me entrevistar. Devoro um pote de creme de avelã e fico com medo de ter dor de barriga durante a sessão de perguntas. O que gera a quarta crise. A primeira tinha sido ao me deitar e ficar encarando o teto sem conseguir dormir imaginando o que poderia ser perguntado e quais respostas daria. A segunda foi ao acordar ainda sonolento após a impressão de ter apenas cochilado e não repousado uma noite inteira, o que me ajudaria a ser uma pessoa menos ansiosa. Caminho em passos lentos da cozinha para a sacada da sala de estar como se o arrastar de meus pés no piso de porcelanato gelado tivesse o poder de desacelerar o tempo. Agarro-me ao pote do creme ansiolítico como se comer proporcionasse alívio definitivo e não só imediato. Da minha vista do terceiro andar, olho para as pessoas, apressadas pela rua, alheias ao sol que se põe sobre minhas expectativas. Um vento cortante de inverno leva-me de volta à sala e

aconchego-me em minha poltrona preferida, onde já que não posso vencê-los, uno-me aos meus pensamentos.

Amo escrever. As palavras me acalmam, mas toda a parte de divulgação me deixa agoniado. Entrevistas, fotos para jornais e revistas. Gerar conteúdo para as redes sociais. “Faz parte do kit, Bernardo!” – lembra-me a voz resignada de meu editor. Não entendo o porquê de tanta exposição do autor se o que, na verdade importa, é a sua invenção. Não é a obra que deveria ficar em evidência?

Sou escritor porque a arte me escolheu. Mas nem sempre o fui. Nem me lembro de algum dia ter desejado o ser. Aconteceu. Não sabia que uma dor podia ser tão intensa até perder minha mãe. A morte é estúpida e não sente. Se o espectro mortal sentisse a dor que causa, se declararia morto e estaria estabelecida no universo a vida eterna. O para sempre estaria garantido; mas o para sempre não quis minha mãe e a morte a levou me obrigando a conviver com sua ausência. E nunca uma ausência tinha se feito tão presente. E foi assim que me tornei um morto-vivo. E morto-vivendo isolei-me do

mundo mesmo que rodeado de gente. Eu não me sentia gente sem a pessoa que me fez quem sou. E mesmo presente me fazia ausente. E talvez tenha sido para não enlouquecer que me surpreendi vivendo em um mundo paralelo entre a realidade e a ficção. Entre a oralidade e a palavra escrita, onde para realmente ver é necessário fechar os olhos.

Atualmente, vivo como se sonhasse e sonho como se vivesse. São mais vivos os meus sonhos do que muitas vezes o é a minha não sonhada realidade. Quantas vezes desejei que me acordassem do pesadelo de viver certos dias nebulosos. Dias nebulosos como nebulosas são as camadas imateriais dos sonhos. Sonhos que, às vezes, se concretizam deixando menos incorpórea a vida.

Vida que voltei a viver por meio das histórias, por mim, criadas. Sou o criador dos cenários, das pessoas, das tramas. Gosto da ideia de ser deus quando escrevo e de rir da cara da morte ao desafiá-la nas teias que teço. Sou o deus-aranha traçando o destino das personagens fictícias muito mais reais que muita persona de carne e osso.

Um bip do celular interrompe meus devaneios. Leio a mensagem do grupo de amigos virtuais do qual sou membro. É o anúncio de um café literário do qual não farei parte devido à distante localização geográfica.

A vida tem dessas ironias. Quem mais senão meus amigos, que me recuso a chamar de imaginários, me fazem companhia nas noites de insônia? Quantos cafés esfriam devido ao calor dos diálogos que acabam por adoçar minha boca e tirar dos meus olhos a amargura? Quantas risadas escancaradas e lágrimas derramadas? Lágrimas que pingam como chuva no dia branco ainda por nascer do papel pautado.

E qual será a próxima pauta? Quando me tornei um escritor? De onde vem minha inspiração? Se consigo escrever em lugares tumultuados? De qual das minhas histórias gosto mais? Se são autobiográficas? Questiono-me se errei ao não deixar isso claro em meus escritos.

Ouçõ o som da campainha estridentemente verdadeira. Levanto-me e ando. A claridade embaça-me a visão. Abro a porta que não me leva

para o país das maravilhas, mas sim a encarar a jornalista em pé diante de mim. É simpática e cumprimenta-me com a calma naturalizada pela rotina de trabalho a ela imposta. Não tenho a mesma naturalidade. Sinto-me como em frente ao meu duplo num espelho. Tento um sorriso sereno, mas sei que falhei. A vida real é chata.

Beatriz Ribeiro Roesler

Resende

Beatriz Ribeiro Roesler nasceu no dia 03 de Agosto de 1996, na cidade de Resende, RJ. Por ser filha de militar viajou para muitos lugares do Brasil, colecionando histórias por onde passava. Aos 13 anos descobriu o talento para a escrita, escrevendo músicas com uma colega de escola durante as aulas. As poesias e pequenos textos também fizeram parte de sua adolescência e sua trajetória, sendo uma forma genuína de expressão dos sentimentos. Atualmente é formada em Licenciatura em História pela UNIRIO, e trabalha como auxiliar de secretaria escolar em um bairro de sua cidade natal.

O rei que era triste

Em um reino longínquo e antigo havia um príncipe muito triste. Esse príncipe vivia insatisfeito com tudo, e nem mesmo todo ouro, joias ou roupas luxuosas lhe agradavam. Nenhum banquete do palácio era bom o suficiente; nenhum baile real era atrativo. O príncipe vivia triste, fechado em cólera, na escuridão de seu próprio palácio.

Desde que o rei morrera seu único filho – e herdeiro do trono – entrou em profunda depressão. Amargurado, permitiu que o Espírito da Tristeza pairasse sobre todas as terras do reino. Disse uma vez a sua mãe:

- Se não sou feliz, ninguém será!

O Espírito da Tristeza então pintou toda a paisagem de um cinza desesperador. As árvores e plantações, sem o sol para ficarem verdes e viçosas, começaram a adoecer e morrer. O solo já

não produzia alimentos suficientes para todos; as pessoas e os animais sempre estavam doentes. Não se viam sorrisos, risos, manifestações de alegria: o Espírito da Tristeza se alimentava do mínimo sinal de esperança. Durante anos fora assim, até o dia em que o príncipe precisou virar rei. E para isso acontecer ele precisaria se casar. A rainha, sua mãe, lhe trouxe as mais belas moças e princesas.

-Nenhuma me agrada, levem todas embora! – disse ele, sem expressão no olhar.

A rainha, os conselheiros e todos os nobres do palácio entraram em desespero. Em meio ao alvoroço, o cozinheiro falou:

-Há uma moça muito bonita rondando pelo vilarejo. Nunca ninguém a havia visto, talvez o príncipe se agrade!

Mandaram chamar com urgência a tal moça. Os soldados procuraram-na em todo lugar, até que a encontraram tomando banho no rio. Ela era de uma beleza realmente esplendida. Sem medo e sem hesitar, a moça foi levada ao palácio. Ao

adentrar o recinto, o príncipe ficou abismado com tamanho encanto: um ser angelical, de cabelos castanhos, pele da cor do centeio quando maduro, olhos da cor do céu escuro e lábios avermelhados. Suas vestes eram claras e os detalhes estampados nela pareciam ter vida própria.

A moça sorriu e o príncipe se encantou de primeira: era com ela que ele iria se casar! Dito isso, ele abriu um largo sorriso, uma expressão que já não se via mais em seu rosto há anos. Os dias se passaram e o príncipe parecia estar mais contente. Nem o inverno frio tirava-lhe a leveza em seu olhar e respiração. Essa alegria contagiou o reino todo. Todos os súditos esperavam ansiosamente para ver a mulher que havia mudado o triste príncipe. Queriam saber como ela era, qual a cor dos cabelos, da pele, dos olhos...

Chegado o dia do casamento, um lindo dia colorido e ensolarado, todos os nobres e camponeses se reuniram na enorme catedral, ansiosos para verem a noiva. Esta entrou na igreja com seu belo vestido branco reluzente, e

seu sorriso era tão contagiante que todos acabaram por sorrir junto. Porém sussurros logo se fizeram ouvir entre os bancos e corredores, não havia um consenso sobre sua aparência: cada qual a via de um jeito. Uns diziam que a noiva era loira, outros diziam que era rechonchuda, e ainda teve quem diga que a moça tinha a pele azul. O único consenso que chegavam era que ela era a mulher mais bonita do reino!

Já não importava mais a estranha confusão: o príncipe, que agora era rei, estava muito feliz. Houveram muitos dias de festa. O verde foi voltando aos campos, as frutas e vegetais cresciam em abundância. O triste e pálido semblante dos camponeses se converteu em bochechas rosadas e corpos bem dispostos. O céu refletia um azul resplandecente. Tudo era bonito e feliz.

Em uma manhã de primavera, onde o odor energizante das flores e o sussurrar da brisa de leve vinha acordar a cada um, o novo rei se deparou com uma triste cena: sua amada esposa

havia desaparecido. No lado da cama em que ela costumava dormir, surgiu um intrigante bilhete.

Com pesar e dor ele o leu:

- A felicidade é algo que sempre estive em ti e nunca se perderá.

O rei abriu um sorriso, abriu a janela, e sem medo foi enfrentar o mundo.

Carlos Brunno Silva Barbosa

Valença

Carlos Brunno Silva Barbosa nasceu em Barra do Piraí/RJ, tornou-se escritor quando passou a residir em Valença/RJ, é professor de Português na E. M. Alcino Francisco da Silva, na região rural de Teresópolis/RJ, e tanto ele quanto seus ‘escritores alunos’ já ganharam concursos literários regionais, nacionais e internacionais. Possui 9 livros publicados, é organizador-criador do Sarau “Solidões Coletivas”, de Valença/RJ, e autor do blog “Diários de Solidões Coletivas”.

Conto de sardas

Tenho comigo a ideia de que a escrita e a memória se preenchem com paradoxos e vazios. Uma lembrança antiga: meu amigo José Silvério, popularmente conhecido como Zé nos círculos artísticos iluminados pelo anonimato, me dizia que fazer contos é fácil, pois sempre temos uma história pra contar ou inventar. “O que importa é a forma como se conta, Artur”, filosofava Zé, enquanto degustava uma dose de cachaça e solidão. Zé se tornava lúcido quando flertava com a insanidade e, quanto mais comunicativo parecia, mais dialogava comigo como se comunicasse consigo mesmo. “E quando não se tem uma história para contar?”, desafiei. Zé acabava de sorver mais uma dose e descia o copo para a mesa lentamente como se refletisse. Olhava-me como se me percebesse pela primeira vez à sua frente. Talvez pela primeira vez se percebera não tão

solitário como ele e eu o imaginávamos. “Vou pegar mais uma dose, Artur.” Levantou-se e foi ao balcão. Quando voltamos a falar, minha pergunta permanecia sobre a mesa, mas a ignorávamos.

Anteontem: de tanto flertar com a loucura, Zé passou a transitar pelas ruas feito doido varrido. A insanidade aceitou o convite de namoro que ele tanto lhe ofertara. Zé ganhou uma namorada e eu perdi um amigo: ele não me reconhecia mais. E, mais solitário que nunca, Zé permaneceu acompanhado de amigos invisíveis. Personagens o perseguem, há milhões de histórias nas páginas invisíveis que Zé escreve, mas ninguém consegue ler suas obras, pois sua arte de vanguarda está além de nossa compreensão. Sua nova forma de contar histórias tornou-se genial demais para todos nós. Mas este conto não é sobre o Zé.

Digressão: já estou no terceiro parágrafo de meu conto sobre sardas e, ao invés delas, dessa história ‘fácil’, me perco em labirintos de lembranças do Zé. Paradoxos e vazios... Sim, esta

história é sobre sardas e a dificuldade de contar ou inventar uma história que não aconteceu.

Ontem: Estava no mesmo bar onde Zé e eu nos encontrávamos. Não pensava nele, mas Zé permanecia ali na cadeira vazia, na minha ausência de pensar nele. Na mesa ao lado da cadeira vazia onde Zé se sentava, duas garotas – uma loira e uma morena – aparentemente embriagadas sussurravam e sorriam para mim, brincando com meu ar distraído.

- Pensando na morte da bezerra, menino? – a loira me perguntou e a sua expressão me soou tão antiga, tão fora do tempo, mas me realinhou ao imediato; eu não estava mais distraído, não mais fora de mim. A loira tinha um sotaque peculiar, meio nordestino, e um sorriso travesso nos lábios. - Está sozinho aí... Se acheque pra nossa mesa, venha!

Retribuí com um sorriso tímido e levei meu copo, meu corpo e minha falecida distração à mesa delas. Puxei a cadeira vazia, onde o Zé se sentava. Por que não levei a minha cadeira ao

invés de puxar aquela vazia? Comodidade ou cumplicidade inconsciente com amigos fantasmas? Não sei... Paradoxos... Vazios... Distração.

A loira era falante, contou-me que chegara há pouco a Shangri-lá, citou os afazeres da mudança, o seu gosto por lugares novos, por conhecer gente nova – nesse momento, tocou levemente na minha mão estendida sobre a mesa. Seguiu contando-me sobre o prazer de ter encontrado, logo que chegou à cidade, uma “amiga, uma alma irmã, a Mônica” e me apontou a morena ao seu lado. A loira falava de tudo, acho até que citara o seu nome pra mim, mas me distraí. Por mais que a loira brilhasse em seu palco particular, minha câmera de atenção a colocava em um ponto cego. Mônica, a morena, quase monossilábica na conversa, foi e ainda é a dona do filme dessas lembranças.

Havia sardas sutis, mas marcantes, na região superior da bochecha de Mônica, quase alcançando a parte inferior de onde se localizava

seus olhos oblíquos. Nova digressão: seriam os olhos dela mesmo oblíquos ou essa observação é mais uma impressão ilusória da memória, proveniente da releitura recente de “Dom Casmurro”? Não sei... Mais uma vez, não sei... Só sei que aquelas sardas, as sardas de Mônica, tão próximas da ameaça do toque, tão longe da concretização dos anseios das minhas mãos, hipnotizaram a minha atenção. Eram como diamantes brincando de esconde-esconde sem realmente se esconderem em seu rosto trigueiro. Eram sardas preciosas, reluziam ao mesmo tempo em que disfarçavam sua luminosidade. Aquelas sardas, ah, aquelas eram estrelas vividas, constelações cheias de histórias pra contar ou inventar no céu sereno do rosto de Mônica. As sardas de Mônica traziam o brilho de mil e uma noites de Sherazade, prometiam milhões de histórias que meus olhos, cansados de histórias banais, desejavam ouvir e se encantar.

 Talvez eu tivesse mergulhado demais nas sardas de Mônica para perceber que a loira me

perguntara algo e esperava a minha resposta. Notei que a loira mudara de posição, já estava ao meu lado, bem próxima de mim – quando foi que ela se aproximara tanto? Na dúvida sobre o conteúdo do questionamento que ela me fez e envergonhado demais para confessar-lhe minha completa falta de atenção, acenei-lhe um sim. Depois o tempo passou atropelado: percebi-me aos beijos com a loira, enquanto Mônica, embaraçada (ou tranquila? Não sei, ah, eu não sei!), despedia-se de nós, levando consigo aquelas sardas, cheias de histórias que jamais ouvirei. A partida das sardas de Mônica foi o início de uma noite pornográfica, mas sem estrelas.

Hoje: acordo em um hotel, abraçado à loira sem nome. Levantamo-nos ressaqueados e, depois de uma despedida de promessas vazias e beijos evasivos de até logo, saímos e seguimos, cada um, um rumo oposto ao do outro. Tenho a impressão de que jamais nos veremos novamente, assim como não verei novamente as sardas de Mônica. Estranheza canalha: por que o jardim

invisível e inacessível é mais verde e presente se a gente não o vê nem o sente? Não sei, mais um milhão de vezes de não sei. Talvez por isso um verso da canção de Legião Urbana não me sai da cabeça: a primeira vez é sempre a última chance.

Sussurro a canção enquanto caminho e é nessa hora que esbarro com o Zé. Ele para na minha frente, meio encabulado, nitidamente enlouquecido e surpreendentemente surpreso por me flagrar sussurrando comigo mesmo. É como se me reconhecesse, após o fim de um grande pesadelo. Depois acena negativamente com a cabeça e bate nela como se espantasse algum mau pensamento, como se dissesse: “Não, amigo Artur, não flerte com a mesma loucura que me enlouqueceu”. Digressão, outra digressão: essa última comparação talvez seja mais uma ilusão, mais um verde no jardim invisível e inacessível.

Depois da autoflagelação, Zé parte, novamente conversando em dialetos desconhecidos com seus amigos invisíveis. Lá se

vai meu amigo Zé, tão impossível a mim quanto as sardas de Mônica.

Direciono meu corpo, minhas constatações balbuciantes e meu insistente ar de derrota ao mesmo bar de outros outroras. Pego um chope no balcão e sento-me a mesa. Ao lado dela, a mesma cadeira vazia me encara. Em algum espaço entre o balcão e eu, a ausência das sardas de Mônica. Sobre a mesa, a antiga pergunta que fiz a Zé me sorri. Mas não retribuo o sorriso dela. Mesmo depois de tanto tempo, permaneço o mesmo: continuo fingindo que não a vejo.

Edmilson Naves de Oliveira

Resende

Um amor antigo pode ressurgir após um encontro casual e reacender uma paixão madura.

O Carregador de Malas

O quarto era pequeno onde o sol da manhã entrava pela janela, posicionado nos fundos da garagem com uma pequena sala e cozinha integrada, sala de banho com ar de (belle époque) disposto de uma banheira que dava um charme a mais ao ambiente. Seu Marcos como era chamado já era funcionário do hotel há quase cinco anos, poucos funcionários ficavam mais de dois anos na função. Era um funcionário conhecido como pau pra toda obra, vigia, porteiro, comprador, manutenção elétrica e até poda do gramado, mas o maior tempo ficava na portaria e era o carregador de malas. Havia passado por vários trabalhos bons e ruins, mas perto dos 30 anos teve uma relação amorosa muito forte e nesta época trabalhava em um banco e conheceu uma moça filha de um comerciante importante da cidade e viveu uma paixão intensa por meses. Como o pai da moça era influente e ao descobrir o caso da filha exigiu do gerente do banco que demitisse o funcionário e assim fechando as portas de emprego para o rapaz em toda a cidade.

Sem Clara a namorada voltou para a sua família no interior, mas veio à depressão e por semanas ficou trancado em casa, sentiu muita saudade da amada e por fim entendeu que teria que sair para outro lugar e continuar sua vida. Andou por cidades vizinhas fez trabalhos de todos os tipos e pela falta de dinheiro chegou a dormir em banco de praça. Como tinha um bom currículo tentou e conseguiu trabalho administrativo no Porto no Rio de Janeiro e lá fez muitas amizades com pessoas locais e estrangeiras. Um dia bateu uma ideia de sair pelo mundo e conversou com um amigo de outra empresa e após acerto saiu do emprego e seguiu em um cargueiro para a Ásia e Oriente. Meses se passaram e na hora de voltar resolveu ficar na Europa e ao atracar na França desceu e não retornou. Tinha dinheiro para seis meses, era só arranjar um emprego por alguns meses não seria para sempre, passaram – se oito anos França, Itália, Espanha e por último Portugal. Numa tarde de domingo recebeu um telefonema do irmão mais velho dizendo que a mãe estava bem adoentada e seria bom ele vir, pois ela falava muito nele naqueles

dias, resolveu voltar e passou quase dois meses ao lado da mãe até que ela partisse. Sem opção de trabalho pensou em voltar para Europa, mas achou que já era hora de retornar de vez, tinha um primo em Petrópolis e a seu convite subiu a Serra, lugar que na adolescência sempre visitava. Quitandinha mais uma vez e andar pelas ruas do centro foi um bom programa naquele sábado. Encontrou um restaurante onde serviam uma boa massa, feito o pedido começou a passear os olhos pela decoração do ambiente, muitos quadros de fotos antigas e decorativas, anúncios de filmes e produtos dos anos quarenta e cinquenta, perto da porta um mural de cartões e propagandas locais e um espaço para empregos, ao terminar a refeição passou pelo mural anotou alguns números de telefones. Mais tarde retornou para a casa do primo e ligou para o hotel que anunciara a vaga, marcado hora, o que aconteceria no dia seguinte um domingo foi munido de documentos, um currículo e de confiança, pois depois de oito anos no exterior estava fluente na língua francesa, italiana e espanhola. A entrevista foi com o proprietário que passava o fim de semana

no hotel e foi mais uma conversa de amigos tamanha o entrosamento dos dois e por fim acordado que ele Marcos teria residência fixa no trabalho, ficaria com um apartamento ao fundo do estacionamento, seu trabalho consistia inicialmente em manutenção geral como cuidar da piscina, parte elétrica, sauna e falar com fornecedores, contratar jardineiro e outros trabalhos. No dia seguinte iniciou os trabalhos eram poucas pessoas contratadas a maioria eram terceirizadas, devagar as coisas foram se ajeitando, o contato com os hóspedes estrangeiros também era uma tarefa quase que constante como dar informações sobre o turismo da região, indicação de um taxista, uma clínica médica, um pet shopping tudo muito interessante e assim o tempo corria e Marcos estava muito feliz, havia encontrado o que realmente lhe trazia felicidade e o mais importante o proprietário estava satisfeito com os resultados que o hotel alcançara com a sua chegada. Nas folgas principalmente nas tardes de domingo ouvia músicas antigas e com elas sempre vinham lembranças e quase todas ligadas aos momentos

passados com Clara e assim Marcos Vieira conhecido como “seu Marcus” nos seus quarenta e três anos vivia na Serra de Petrópolis. Nos fins de semana o hotel estava cheio e Marcos ajudava no atendimento externo como borda da piscina e área de esportes, ao passar pela cozinha viu os pedidos e pegou um para atender levaria bebida e sucos a um casal na borda da piscina, seguiu com a bandeja em direção à piscina ao chegar encontrou um senhor apresentando uns sessenta anos e mulher que concentrada lia uma revista de moda por trás dos óculos escuros, vestia uma calça jeans e uma blusa de gola alta, ao servir o suco olhou para a mulher que aparentava ter no máximo quarenta anos e então suas mãos tremeram, pois naquele momento o seu mundo havia caído tinha certeza que ali sentada sem prestar atenção a sua volta estava Clara, o homem abaixou o jornal e com ar agradável o agradeceu e perguntou seu nome, Marcos respondeu com a voz trêmula e nesse momento a mulher se virou e seus olhares se cruzaram e pode sentir o espanto no rosto dela que olhando sobre os óculos para ver melhor a

fisionomia do homem que se apresentava ao seu lado. Marcos sorriu timidamente e saiu em direção ao seu apartamento, entrou apressado e direto para a pia do banheiro onde lavou o rosto diversas vezes estava assustado não acreditava no que havia visto lá fora, Clara, depois de tantos anos. Reconheceria em qualquer lugar aquele rosto que ainda mantinha os traços da juventude, somente os cabelos mais longos e negros diferenciavam da adolescência. Deitou na cama e ficou olhando para o teto e passou um filme na sua cabeça e a atriz principal estava lá na beira da piscina. Ficou tão abalado e excitado com a situação que nem saiu do quarto naquela tarde, chegando à noite tomou um banho e resolveu jantar na cidade e visitar o bar de um amigo para conversar, tentando na realidade se esconder da situação que vivera aquela tarde. Retornou por volta das vinte e duas horas para o hotel, no restaurante ainda havia pessoas a jantar, passou direto e foi para o apartamento ao abrir a porta da sala e ascender à luz avistou no chão um envelope que certamente fora colocado por baixo da porta,

abaixou e pegou o envelope e abrindo retirou um bilhete e começou a ler:

“Caro Marcos”

Espero que saiba que eu te reconheceria mesmo que cinco décadas tivesse passado. Penso que você também me reconheceu pela surpresa com que me olhou. Voltei no tempo e me vi vivendo um grande amor que está no meu peito para sempre. Pena que passei três dias hospedados e só no último dia eu descobri você é que descii para o Rio todos os dias, parto hoje, mas prometo lhe escrever o mais rápido assim que chegar ao meu destino. Ah!...Fiquei feliz em saber que é muito amado por todos no hotel.

Até mais,

Clara.

Ao terminar a leitura Marcos estava com os olhos marejados de tanta emoção, nos dias seguidos vivia feliz porque havia uma grande esperança e toda noite lia e relia o bilhete, assim por dois meses esperou notícias. E na manhã de uma quinta-feira chuvosa entregaram-lhe um envelope e ao tomar em suas mãos reconheceu a letra era Clara, ao abrir e pelos números de folhas escritas agora sim era uma

carta, sentou-se em um banco de madeira sob um quiosque e percorreu cada linha com interesse e muitas surpresas a cada fato, falecimentos de pai e mãe, não teve filhos, que tinha um marido e um feliz casamento. Havia conhecido os melhores lugares do mundo, mas o encontro trouxe de volta todas as lembranças daqueles oito meses que se relacionaram e ele certamente foi uma das melhores coisas que passou pela sua vida, e assim página por página fatos do passado narrados com detalhes. Marcos já estava maduro o suficiente para não apostar num futuro com a mulher que trazia de volta sentimentos que por anos manteve-se enraivado no seu coração, por ela perdeu um emprego, esperanças e planos futuros, mas de um lado ela também foi responsável por ter vivido em mundos diferentes onde pode aprender e viver outras culturas, juntar dinheiro e fazer o famoso pé de meia e trabalhar sem se preocupar com o amanhã. Marcos continuou nas tarefas diárias e recebendo as cartas a cada quinze dias sem se preocupar em quando poderia estar com Clara. Certa noite estava na sua pequena e simpática sala

assistindo um filme quando o telefone tocou, era da portaria havia um taxi a sua espera, se ajeitou e seguiu em direção ao taxi, antes de chegar próximo ao veículo à porta traseira se abriu e saiu Clara com um sorriso aberto e quando chegou perto ela o abraçou e ficaram num abraço apertado que pareceu uma eternidade seu braço estava enlaçado ao redor daquele corpo que não tão fino como outrora, mas ainda esbelto para a maturidade da linda mulher ali em suas mãos, trocaram algumas informações como a que Clara estava no Rio na casa de uma amiga da família e que teria somente aquela noite para estar junto a ele, Marcos entendeu e disse que seu apartamento era pequeno e ela sem dúvidas somente riu aprovando a ideia e após dispensar o taxi caminharam devagar para o fundo da garagem, suas mãos se tocaram levemente e seus dedos se entrelaçaram e por certo Clara sabia o que estava fazendo. Duas horas da manhã Marcos preparava um macarrão ao molho branco e servindo Clara na cama, comeram e conversaram a noite toda tempo insuficiente para colocar todos os assuntos e o desejo guardado em dia. Caíram no

sono e foram despertados pela claridade do sol que bateu janela adentro as seis e quinze da manhã, após tomarem o café um taxi foi chamado e com discrição a dona desceu a Serra com promessas de voltar logo.

Elaine Cristina de Oliveira Santos

Barra Mansa

Meu nome de escritora é Elaine Santos. Sou funcionária pública em uma escola de Volta Redonda e moro em Barra Mansa, onde nasci e vivo até então. Sou escritora de poemas e contos. Tenho 33 livros escritos, dos quais 16 já foram publicados. Tenho livros de poesias, romances e poesias, poesias cristãs, romance com receitas, romance e estou trabalhando em um livro de contos apenas. O meu primeiro livro Poemas da Poetinha foi publicado pela Editora Autografia e em 2018 fui convidada, participando do projeto Antologia Palavreiras por Rapha Santos; do qual vários outros autores participaram também.

O jumento jumentinho

O jumento Jumentino passeava alegremente

De repente, ele gritou:

- Ai, minha perna está dormente!

O jumento Jumentino caminhou demais

Ele andou tanto que deixou tudo pra trás!

Mas não estava sozinho naquele matagal

Pois ali havia um boizinho chucro, fugido do curral!

O jumento e o boizinho ao se verem,
pensaram igual

E concluíram que um colega não seria nada mal!

Logo foram se aproximando um do outro,
animados

Ambos estavam cansados, famintos e intrigados!

Pastaram e pastaram bastante...

E se tornaram amigos num instante!

Comeram e papearam. Papearam e comeram.

As horas voaram e eles nem perceberam!

O jumento Jumentino perguntou o nome do boizinho

Ele respondeu:

- Sou um pobre coitado, que nem nome tenho!

Ninguém sabe meu nome lá de onde eu venho...

- Ora, boizinho, não fique triste! Vou te chamar de Camarada!

E assim, Jumentino e Camarada seguiram a jornada

Andaram até chegar numa fazenda bem
arrumada

Logo foram recebidos por toda a bicharada...

Lá conheceram também uma gente muito
animada!

Jumentino se apaixonou por Jumentina, a
jumenta

O boizinho gostou muito da vaquinha
Erimenda!

E com novos amigos de sorrir ninguém
aguenta

Estes dois amigos se juntaram à fazenda, uma
turma que arrebenta!

João Pedro Fraga de Souza

Piraí

João é um brasileiro nato, nascido no interior do Estado do Rio de Janeiro, já quis ser veterinário, jogador de vôlei e ator, mas seu caminho é o da escrita. Um jovem escritor que busca realizar o sonho mais antigo de que tem lembrança: publicar suas ideias para que todos possam ler. Por muitos anos escreveu resenhas na internet e pequenos textos num blog. Mora na cidade de Piraí e escreve seu grande sucesso todos os dias, uma palavra de cada vez.

Horizonte de eventos

Benjamin acordou atrasado.

Teria que subir a pé a rua de seu colégio pois o ônibus não o esperaria. Decidiu não correr, seria inútil e, de qualquer forma, poderia entrar no segundo horário. Sentou na cama, esfregou seus olhos na tentativa de acordar e ouviu sua mãe ligando o chuveiro, mesmo em dias frios ela tomava banho com a água gelada, talvez para acordar, não sabia ao certo, mas também nunca a questionara. Se levantou e foi na cozinha beber água, não ligou nenhuma luz, mas o dia já clareava e a luz amarela ocre invadia a cozinha pela janela. Encheu um copo com o resto de um galão e tomou num só gole, teria que ver quantos restavam no estoque depois. Pensou em como seria acaso fizesse fotossíntese, se seria mais fácil e rápido ou se entediaria de ficar parado em busca de um sol que pouco dava as caras por trás da névoa cinza que encobria a cidade.

Ouviu o chuveiro desligar, buscou sua toalha que estava na janela do quarto, mesmo que sua mãe tenha dito para não colocá-la ali pois estragava a madeira, que ela não veja isso, pensou. A porta do quarto dela se fechou, ele seguiu para o banheiro onde também fechou a porta. Se despiu e ajustou o chuveiro para a maior temperatura possível, não possuía natureza para banhos frios, mesmo no calor, talvez eu não seja filho dela, pensou antes da água molhar seus cabelos. Ficou alguns minutos parado deixando a água passar pelo corpo, se permitiu parar, não faria diferença o atraso e a pouca água que caía do chuveiro não seria considerada desperdício.

O transe foi cortado quando sua mãe bateu a porta e perguntou: Filho?, era sua marca, não fazia perguntas objetivas, o chamava, esperava sua resposta e, ciente de que ele estaria a escutando, falava o que desejava. Pela voz ela parecia estar cansada, os últimos meses não foram bons, muita coisa havia mudado em suas vidas e ainda estavam se adaptando a nova realidade. Por esse motivo ele só respondeu: Oi, e pôde ouvir as unhas dela

arranhando a porta como que decidindo o que dizer em seguida, por fim ela disse: Estou indo trabalhar, vou fazer hora extra e devo chegar bem tarde..., as pausas também eram outras de suas marcas, emendou logo em seguida, Tem comida na geladeira, é só esquentar. Boa aula. Benjamin pensou por alguns segundos nas palavras também, pisavam em ovos há algum tempo, mesmo negando, ambos sabiam que pensavam demais para falar um com o outro. Por fim, disse: Bom trabalho, mecânico, mas verdadeiro, sabia que ela vinha matando um leão por dia para manter a casa.

Terminou de tomar banho, se enxugou e vestiu o uniforme, uma camisa branca com o símbolo da A.S.U. – Agência de Segurança Universal –, uma calça jeans também com o símbolo bordado e por cima uma jaqueta xadrez vermelha e preta. Se dirigiu até a cozinha para comer algo antes de sair, sua mãe não havia tocado em nada, achou as panelas com a comida que ela havia feito no dia anterior, mas não abriu, viu um pacote de pão de forma com duas fatias no fundo da geladeira e comeu a seco, afinal, estava atrasado. Arrumou sua

mochila, se olhou no espelho do banheiro e decidiu pegar outra blusa, a preta com símbolo da A.S.U. também, estava devidamente uniformizado para passar pelos guardas e helicópteros que faziam rondas esporádicas pela cidade.

Respirou fundo, colocou a máscara descartável sobre o rosto e reparou que seu cabelo estava desgrenhado, dando um ar de inacabado a ele, É o meu protesto silencioso contra eles, pensou consigo mesmo. Colocou seus abafadores de sons, abriu a porta da casa e saiu.

O céu continuava amarelado, num ocre repugnante, como era o habitual nesses últimos três anos, pensou no bunker que seus pais haviam construído, já não haviam mais biscoitos lá, pouco restara, na verdade. Lembrou de que quando a primeira bomba caiu ele e sua mãe já estavam lá há quatro dias, o barulho e o tremor causado pela arma de destruição em massa quebraram o tédio que estava sentindo, sua mãe o puxou para si e ficaram abraçados na escuridão da guerra por incontáveis horas ou até mesmo dias. Seu pai havia dito para que se escondessem e aguardassem até que tudo estivesse

seguro, mas nunca voltou para dizer quando estavam seguros.

Caminhando ele conseguia ver algumas das heranças da Guerra Maior, sempre andava pelo caminho com mais soldados da A.S.U., não que se sentisse mais seguro, mas ainda havia uma esperança qualquer de que eles avisassem a ele que o Comandante da Inteligência o convocara para lhe informar sobre a morte do seu pai em batalha, isso ao menos estancaria a sangria de não saber o que aconteceu. Milhares desapareceram, outros tantos foram declarados mortos e as famílias avisadas, mas ninguém nunca bateu na sua porta, ninguém com um chapéu na mão e olhar triste dizendo Sra. Ignis, é sobre o seu marido, ou ainda um Filho, seu pai foi um herói, até onde sabia, seu pai poderia ter desertado e fugido para algum lugar melhor, se ainda existisse tal lugar.

Os soldados seguravam pesados fuzis acinzentados, mesmo com o fim da Guerra Maior eles ainda pareciam prontos para defender a ordem que restara. Tudo o que restou do país se encontrava nas mãos do Comandante da A.S.U. e

autodeclarado presidente Benício Dorles, que não vinha fazendo muito, mas mantinha a ordem.

Passou por uma loja de doces, uma das poucas lojas que ainda se encontravam abertas fora do Mercado da Gente, e procurou por balas fora da validade, não havia mais muitas indústrias de doces, o governo se preocupava com o que era importante em produzir. Possuía algumas moedas em seu bolso, as Commutas, como era chamado o dinheiro do Continente, e então levou algumas jujubas fora da validade que não eram para si, pois odiava aquele doce, mas para os Órfãos.

Continuou seu caminho, seguiu em direção à Praça do Fim do Mundo, pensou na sorte que tinha por ter-lhe sobrado a mãe e não ter sido jogado na rua, mas mesmo assim tinha um sentimento de culpa por não estar na rua também, junto com eles. Ao virar a rua avistou a praça, a figura de um anjo com traços femininos se impunha ao seu centro, segurava uma espada e um livro, não era o símbolo da Justiça pois seus olhos não estavam vendados e nem segurava uma balança, afinal nesse mundo não existe justiça de verdade, pensou. Por todo

entorno da Praça haviam lonas pretas, cordas, varões de madeira, todos encaixados e emaranhados formando um grande espaço longe da chuva e do frio, este último não dava uma trégua e o primeiro não era mais seguro. Parou no portal de madeira, os Órfãos não gostavam que ninguém entrasse sem convite, mas não poderia perder tempo, afinal, estava atrasado. Logo, um Órfão apareceu, era Al, um jovem de não mais de 7 anos de idade, com cabelos dourados sujos e vestindo algo que parecia um saco de batata, Benjamin ergueu o saco de jujubas para o Órfão para que este pegasse e ele pudesse seguir o seu caminho, mas o Órfão balançou a cabeça em negativo, isso confundiu Benjamin que tirou seus abafadores de sons. Os Órfãos gostavam de receber presentes, gostavam que alguém se lembrasse deles de alguma forma. Al olhou fixamente para os olhos de Benjamin e disse: Você também é órfão, não é?, não lhe pareceu uma pergunta e realmente não o era, o menino continuou, Órfãos têm olhar de órfãos, entende? Ab disse que Órfãos precisam ficar unidos. Ab é nosso líder, ele é sábio, Benjamin não sabia

quem era o novo líder dos Órfãos, conhecera Aa, o antigo líder, dado a presentes, principalmente se viessem de adultos. Como seu tempo era escasso, deixou as apresentações para depois e disse para Al: Não quer as jujubas?, Al passou de curioso para confuso, depois triste e então determinado até dizer um firme Não. Ab disse não, meio-órfão. As últimas palavras despertaram grande fúria em Benjamin, mas não tinha tempo para se indispor com o menino, acenou em concordância, jogou o saco no chão e disse: Faça o que achar melhor, Órfão. Há um ano atrás, Benjamin passou uma semana na Casa dos Órfãos, no coração da Praça do Fim do Mundo, comeu e bebeu com eles e se sentiu em casa, até que um deles o chamou de meio-órfão. Ele não sabia se havia voltado para casa por sua mãe ou por seu pai, mas ali não era o seu lugar, passava esporadicamente ali para cumprimentar Aa, mas há seis meses tinha se distanciado, desde que a A.S.U. iniciara revistas na Casa dos Órfãos.

Seguiu a andar para a escola, estava perto e ainda haviam alguns minutos antes de poder entrar efetivamente, mas não havia mais aonde ir, pouco

da cidade havia sobrado, a bem da verdade é que pouco do Continente inteiro, haviam somente as Cinco Cidades, todas ligadas por linhas ferroviárias. Avistou a escola ao longe, um grande prédio que antes era de uma multinacional e que agora não tinha mais razão de ser. Não estava ansioso para ter aula com a Sra, Lopes, que lecionava história, ainda mais porque a maioria dos livros haviam sido censurados previamente pela A.S.U., talvez por falta de interesse do governo que os jovens tenham conhecimento.

De súbito, a sirene disparou. Benjamin parou por um instante. Olhou para o céu. Um avião sobrevoava a cidade. Há mais de um ano o alarme não tocava. Estavam seguros. Tudo daria certo. Viu as janelas das escolas se encherem de alunos curiosos, alguns desesperados queriam sair, ele pode ouvir a comoção. Viu quando a parte inferior do avião se abriu. Viu quando algo foi lançado dele. Acompanhou a queda. Seu corpo não respondia, mas deu alguns passos para trás quando percebeu aonde aquilo iria cair. De repente conseguiu correr,

mas a força da explosão da escola o alcançou. A última coisa que ouviu foram os gritos dos alunos.

José Adal Pereira de Souza

Volta Redonda

Formado em Teologia, com curso de Ciência das Religiões, fui missionário e depois empresário. Aposentado, dediquei-me ao estudo intensivo de História e escrevi e publiquei 06 livros. Sou membro do Conselho de Cultura de Volta Redonda (Patrimônio) em 2018. Pratico ciclismo há 14 anos tendo rodado mais de 70.000 km em quase todo Estado do Rio de Janeiro e partes de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Minha satisfação é ensinar e incentivar os jovens a praticar esporte e abraçar a leitura.

Pai, conta a história

- Pai, conta aquela história.

O homem estava trabalhando em sua oficina. Fazia janelas

- A que história você se refere?

- A de quando eu nasci.

- Mas já te contei essa história não sei quantas vezes!

- Eu sei, mas é que gosto muito do jeito que o senhor conta.

E continuando o serviço, disse com paciência:

- Então, se você quer mesmo ouvir tudo de novo, vamos lá. Era uma vez que estava viajando com sua mãe. Eu tinha planejado chegar à cidade de destino com alguma luz da tarde. O estirão daquele dia foi maior do que os outros. Não adiantava fazer outra parada perto do nosso destino. Mas, sua mãe estava muito pesada e toda hora me pedia para descer e caminhar um pouco. Você ficava mexendo muito na barriga dela.

- O senhor via eu mexer?

- Via direitinho seu pesinho. Fazia cócega nele e você o puxava rápido.

O menino ficou rindo baixinho.

- Mas, voltando àquele dia. Dia não, parando a intervalos para sua mãe caminhar um pouco e bem devagar, a tarde foi embora e a noite chegou.

- O senhor não disse a ela que precisavam andar mais depressa?

- Eu vivo para sua mãe. Faço o que ela precisa. Recebi esta missão, cuidar dela e de você. Assim, não a apressava. Na cidade fui procurar um homem que tem um pouso. Por uma fresta coava uma luz fraca, chamei alto. Demorou um pouco e o homem abriu a porta. Falei com todo respeito para ganhar a simpatia dele para nós. O senhor pode nos receber? Esperei a resposta dele que olhava sua mãe. Parece que meio a contragosto ele falou: sinto muito, mas não tem nem um cantinho; tem muita gente na cidade.

- Ele não notou que mamãe estava barriguda?

- Deve ter visto, mas não tinha onde nos colocar; foi o que alegou.

- Procurei outro pouso, fiz o mesmo, chamei e bati palmas. Sua mãe deu um suspiro profundo. Falei: o que foi, amor? Ela respondeu com a voz fraca: não é nada não, só estou esgotada mesmo. A porta abriu e o dono apareceu. Repetiu a mesma ladainha, que não havia lugar nem para um mosquito.

- O Senhor não falou de mamãe?

- Sim, vi que nossas chances estavam se esgotando. Cheguei para perto dela e falei: Meu senhor, estamos viajando desde cedo. Minha mulher está muito próxima de dar à luz. Tenha compaixão. Dê-nos um lugar para ficar só esta noite.

- E ele não teve pena de mamãe?

Ele balançava a cabeça como se estivesse revivendo aquele momento.

- Disse que até no chão da sala tinha gente deitada.

- Puxa, papai! Se não houvesse outro lugar o que o Senhor faria?

- Filho, sempre tive a certeza de que existe um Deus que zela por nós. Quando percebi que meus planos tinham ido por água a baixo entreguei a solução para o Pai.

- O Pai...

- Sim, filho, o Deus de nossos antepassados, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Sendo Todo-poderoso Ele, com certeza, nos encontraria um lugar para passar a noite. Tinha esta certeza, compreende? Na sinagoga, você já deve ter ouvido a leitura de uma ordem que o Senhor Rei Eterno repete muitas vezes.

- Não tenham medo!

- Muito bem. Às vezes você me surpreende, filho. Tão novo e já sabe tanto das Escrituras. Mas deixe-me continuar.

- O Senhor puxava o jumentinho.

- Sim. E sem parar fiquei ao lado dela e disse: já estamos pertinho, querida esposa. Mas ainda faltava um bom pedaço. Ela me disse: Não posso mais; a criança já está bem baixo, está pronta para nascer. Rezei para mim mesmo: Meu Deus, ajude-nos. A escuridão só não era completa porque o céu estava coalhado de estrelas. Peguei-a no colo e vi que estávamos na frente de um curral.

O menino olhava o pai com toda atenção, vivia o drama que se passou no dia em que veio ao mundo.

- Um curral. Dei uma volta em torno procurando, quem sabe?, ver uma casa. Mas só havia o curral,

bem na nossa frente. Caminhei para dentro dele, passos firmes sentindo as mãos macias de sua mãe me apertarem os ombros. Sabe o que mais me incomodava? Leva-la para um lugar sujo, cheio de esterco dos animais. No princípio não via muita coisa, mas os olhos se acostumaram ao escuro e vi a manjedoura...

- É onde os animais comem, não é. Por que tem esse nome?

- Vem de comida, manjar, manjedoura. Preocupado com a sujeira fui pisando com cuidado para não pisar nas bostas dos animais maiores. Num cercado umas cinco ovelhas baliram quando entramos sob o telheiro. Passei o pé para lá e para cá e não senti nenhum esterco. Então a coloquei de pé, ela se encostou na manjedoura enquanto eu procurava apressado onde ficava estocada a palha seca. Quando a achei, peguei uma braçada grande e espalhei no chão em forma de uma cama. Peguei mais dois bocados e deitei sua mãe.

- Ela estava quietinha.

- Respirava apressado e segurava a barriga. Me agachei ao lado dela e falei: Meu amor, querida,

nunca fiz um parto. Ela me olhou com imensa calma e falou: Não fique preocupado, meu marido, a criança vai nascer sem problemas; pegue minha bolsa.

- A bolsa estava no jumentinho?

- Sim. Trouxe o animal para a entrada do curral, desafivelei a bolsa e levei para ela. Sua mãe escolheu dois panos e uma vasilha e pediu que a enchesse de água. Corri de um lado para outro a procura de água. Sai do curral e encontrei um lajeado de pedras e tropecei no poço. Graças à Deus. Encontrei o balde, joguei lá dentro e enquanto o puxava ouvi um grito. Arranquei-o num puxão, entornei na vasilha e corri, gritando: Estou chegando.

- O neném nasceu?

- Sim, você estava entre as pernas dela. Joguei água em minhas mãos, esfreguei-as bem e peguei você. A placenta saiu bem nesse momento. Perguntei a ela: você está bem, minha Senhora? Ela disse, num sussurro: estou bem, meu marido; faça ele chorar.

- Por que eu tinha que chorar?

- Porque precisava encher os pulmões de ar. Com cuidado te apliquei uma palmada e você abriu o maior berreiro. Segurava você em meu colo e o olhava meio que paralisado. Sua mãe, perguntou: ele é perfeitinho? Olhe bem. Olhei você: cabeça redonda, orelhinhas bem-feitas, nariz, boca e os olhos que estavam fechados. Os braços e as mãos, as pernas e os pés. Disse a ela: está tudo em ordem. Então, ela remexeu na bolsa e tirou uma faca e me olhando bem, disse: corte o cordão. Coloquei-o ao lado dela em cima da manta e procurando manter a mão firme segurei a veia da placenta. Ela me orientou: meça cinco dedos desde a barriguinha dele, aperte bem com os dedos da mão direita e corte; depois, ainda segurando, bem dê um nó. E assim fiz, tomando muito cuidado para você não ficar com um umbigo estufado.

Riram-se os dois.

- E depois?

- Bem, estava limpando sua mãe e você. Ela me viu pensativo, então segurou minha mão e me disse: meu marido, o que está atrapalhando tua felicidade pelo nascimento de teu filho? Eu respondi: Não se

apouente. Ela, com muita bondade – você sabe como é sua mãe – me disse: eu sei o que está te entristecendo; é do menino ter nascido neste curral, nessa morada dos bichos. Eu lhe respondi: Maria, eu recebi uma ordem do próprio Yahweh:

“José, filho de Davi, não temas receber a Maria como sua mulher, pois o que nela está gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados”. Então sua mãe me revelou algo que desconhecia: Sim, quando eu estava com Izabel eu rezei muito para Nosso Deus pedindo e implorando que Ele não deixasse você me abandonar pensando mal de mim. Beije as mãos dela e desabafei: eu devia ter conseguido um lugar bonito e limpo para sua hora; estou me sentindo muito mal por ter trazido vocês para esse ... Fiquei sem palavras.

O menino o escutava com os olhos pregados na boca do pai. Não perdia uma palavra, sentia as emoções que José não conseguia ocultar cada vez que lhe contava a história do seu nascimento. Uma ligação muito forte se estabelecia cada vez mais entre o menino e seu pai e guardião.

- Ela me falou com brandura: José, meu marido, eu não fui escolhida para você, eu te escolhi; e não pense que foi sua culpa estarmos aqui. Eu disse: como não? Ela me surpreendeu, dizendo: foi Deus, que queria que seu Messias nascesse como o menino mais pobre da Terra; Ele não quer que nosso filho sinta nem um tiquinho de orgulho; ele nos foi enviado para ser o mais humilde dos homens.

- Ela falou assim?

- Falou. Sua mãe sempre soube mistérios que a mim escapavam. Mas, escuta, sua mãe está chamando a gente para o almoço. Vamos depressa.

Um sol bem forte clareava o pequeno vilarejo de Nazaré.

Poliana da Glória Souza

Volta Redonda

Poliana da Glória Souza é natural de Volta Redonda, nascida em 13 de setembro de 1989. Estudante de Letras (Português/Inglês) na universidade Geraldo di Biasi. Fã e leitora de Fiódor Dostoiévski e Henry Miller. Escrevo buscando retratar o lado sombrio das pessoas, sou fanática pela personalidade humana e suas singularidades.

Conversando com o diabo

A maldade por si só já basta. Não precisa de nada mais. Um pequeno momento de prazer, o mal é um vício. Há aquela perturbação inicial que antecede tudo, antes do fato ocorrer já se sente o gozo. Dostoiévski é o mestre da psique humana. Ler seus livros é uma viagem para emoções primárias e liquidadas do nosso ser. De onde vem a bondade? Talvez você possa me dar à resposta.

- Dehin, A bondade nada mais é que uma construção social - disse ele.

- Você acha necessário ser bom?

- Não temos outra escolha, a não ser esta. Seremos bons, se não seremos punidos.

- Você quer dizer: ir para a jaula?

- Sim, ou coisa pior. Você ainda odeia o seu padastro?

- Sim, ele é um mesquinho, um muquirana e que bate na minha mãe.

- Por que o mataria?
- Simples: ele tirou a minha mãe de mim.
- Esse motivo seria ridículo!
- Se é ridículo eu não sei, só sei que o odeio com toda a minha alma. Eu estaria fazendo um favor ao mundo matando esse crápula. Por noites a fio eu imaginei a cena. Aquele biritum vem fazer escândalo na porta da minha casa. Você sabe? Fico puto com isso! Outro dia ameaçou pular o portão.
- Que situação! - exclamei com os olhos arregalados -
- O salafrio estava tão ruim que nem conseguia se manter sobre as pernas, mas eu queria que ele se atrevesse. Já estava preparado munido de uma faca. Iria enfiar na barriga dele sucessivas vezes! Iria furá-lo como a um porco!
- Que horror, Dehin! Você não pensa no depois? Em ir preso e dar esse desgosto à sua mãe?
- Eu me sentiria aliviado por matar um traste desses. O que mais poderia sentir? É uma emoção sem tamanho! Mal consigo respirar quando penso.
- Então vamos mudar de assunto. As probabilidades são de que seu padrasto morra

naturalmente e que você siga a sua vida dentro da lei.

- Talvez haja problemas... Quem poderia saber?
- Talvez sim. E talvez não.

Sérgio Soares Dutra

Barra Mansa

Escritor fluminense, natural de Barra Mansa (RJ), nascido em 22 de novembro de 1949, trabalhou como representante comercial, comerciário, advogado, professor, aposentado e residente em Cariacica (ES). Dedicou-se à literatura. / Membro Efetivo GREBAL – Grêmio Barramansense de Letras; AMLES – Academia Maçônica de Letras do Estado do Espírito Santo – Cadeira 19 / Academia de Letras de Vila Velha – Cadeira 20 /- AILA – Academia Ibatibense de Letras – Correspondente. / UBT – União Brasileira de Trovadores – Sessão Estadual. ES.

O pacto

Em um bar da cidade, certo Delegado com seu amigo Promotor Público...

– Pois é meu amigo em nosso mundo algumas vezes nos divertimos e essa semana fiz uma prisão, um tanto pitoresca... – comentou Durães, enquanto esfriava seu drinque com algumas pedras de gelo.

– Então me fale Delegado!

– Lembra-se de meu amigo Delegado Salvador, da civil de BH? ... Ligou-me dias atrás pedindo uma investigação de dois estelionatários que poderiam estar em um hotel no Ipiranga. Claro teria que ajudar um grande parceiro e pedi que me enviasse as fichas e mandados que tinha. E fui até o endereço, de lá o casal havia se mudado para o endereço da mãe, da mulher procurada, com o amante falsário. Não deu outra coisa... Peguei o casal em Taubaté e no depoimento contaram a história de um casal de desafortunados... Literalmente!

Disseram eles: Inicialmente o jovem...

- Que é garoto de programas e foi contratado pelo empresário para seduzir a esposa, de forma que lhe servisse para acusá-la de adultério perante o divórcio que estava em andamento.
- E você? – interrompi o homem e questionando a jovem.
- Eu também! Isto é... Sou acompanhante de executivos e fui contratada para seduzir o taxista a mando de sua esposa, já que também queria prejudica-lo no processo de separação...
- Os dois e o casal de empresários sabidos e traíras?
- inqueri.
- Sim! – respondeu a jovem.
- E como isto se arranjou? – quis saber.
- Quando a traição foi documentada, por ambos os lados, seus advogados cientes entenderam que era uma questão de acerto extrajudicial e começaram a acertar um bom acordo para todos já que não tinham como puxar alguma vantagem para seus clientes, mas por fora cada um deles passou a nos dar condições de furta-lhes alguns bens, de mais fáceis de negociações, depois seus cartões de créditos, alguns cheques da empresa e por fim o

imóvel com procurações que falsificaram. Tudo que viesse a delapidar o patrimônio do cônjuge, claro com nossa promessa de devolução. – declarou o jovem.

– Eles se merecem... Conhecemos seus passados! – disse a garota.

– Explique! – pediu o escrivão Ronaldo.

– Os dois quando se conheceram haviam saído de um divórcio e caíram na busca de uma nova relação. Acabaram casando-se e se dando mal “de novo”. Ele morou cinco anos com a antiga companheira, sem ter filhos e trabalhava como mecânico em uma montadora até que foi demitido e sumiu com o dinheiro de sua demissão... Durante aqueles anos que viveu com a professora alegava que ganhava pouco, guardando dinheiro em uma poupança e a companheira bancava a casa com seu salário. Desempregado passou a trabalhar como motorista de taxi-aplicativo, escondendo da esposa que era dele o veículo em que trabalhava.

Como nada tinham de patrimônio e a relação conjugal ficou deteriorada, simplesmente se separaram, partindo para novas vidas... Ela aliviada

porque agora teria seu salário para viver e ele com uma boa conta bancária.

Logo depois, ele conheceu a atual esposa que morava em um apartamento, afirmando ser seu, só não dizia que era do programa Minha Casa. Tinha seu próprio carro financiado pela financeira em que era funcionária administrativa. Enfim, tinha uma vida tranquila, mas sem conseguir uma relação amorosa duradoura, por ser sonhadora com a fábula do príncipe sapo e vivia na esperança de um futuro de conto de fadas. Porém, ao mesmo tempo era considerada esperta e maldosa perante as colegas de trabalho.

Ele a conheceu quando buscava um refinanciamento para seu taxi, antes do dinheiro sair já a levou para um jantar e uma noitada, não demorou um pedido de casamento. Afinal, era um rapaz pobre, trabalhador, honesto e apaixonado... Um sapo bonzinho para se beijar... – contou Dalila , a detida.

– Mas agora estão em pé de guerra por descobrirem os golpes e falsidade de cada um! – declarou o prisioneiro.

- E o tal dinheiro que ele alega terem roubado?
- Era de uma poupança que ele tinha escondida no banco e a esposa descobriu, através de seus contatos bancários, quando levantava a ficha dele para o refinanciamento do seu taxi... – disse a moça
- E foi daí que a confusão começou! – declarou a jovem, continuando: – Ela encaminhou o processo para refinanciamento do taxi e assim que saísse o dinheiro ele compraria o carro dela, pagaria o restante da dívida e o que sobrasse depositaria em sua conta bancária.
- Só que ele roubou o cartão, passando para mim com a senha e assim em duas semanas retirei o dinheiro, na boca do caixa, e depusitei em outra conta que ele abriu em meu nome, depositando junto o valor do carro, dela, que ele vendeu. – declarou Dalila
- E como resolveram o problema do cartão que você utilizava?
- Ele mesmo fez um BO por roubo de alguns documentos que estava no carro...
- Ok! Mas e o dinheiro da antiga poupança que o marido tinha desde o casamento anterior? – perguntou o escrivão, antecedendo minha pergunta.

– Fui eu que saquei doutor... – declarou o meliante, continuando: – A esposa soube que ele escondia esta poupança quando preparava sua credencial para a financeira e guardou as informações, até que descobriu o cartão da CEF, com a senha, em uma carteira que ele mantinha escondida no taxi, mas retirou quando o carro foi para a oficina e a esqueceu na caixa de ferramentas que tinha na garagem. Daí ela me passou para os saques e transferência para outra conta que abriu em meu nome. Recolocando tudo no lugar, ele não deu conta do sumiço do dinheiro até o dia que nos fugimos para EUA, com tudo deles... – declarou o ladrão.

– São 171, só não contaram que poderia ocorrer um castigo do destino.

– Como assim? – perguntei-lhes.

– Deram bandeira permitindo que viéssemos a nos conhecer, quando certa noite em que saímos para jantar, nos encontramos no mesmo restaurante e cada um deles passou a falar mal do outro, deixando que caísse nossa ficha para um PACTO de limpeza, talvez sem dinheiro eles até se acertassem...

– a firmou a jovem.

E quando vocês se conheceram?

– Naquele mesmo dia, quando nos mandaram ir embora e ficaram sozinhos para uma boa briga... Ou um grande “barraco”!

– É a mais pura verdade Senhor Delegado! ... Quero dizer mais ou menos, por que gastamos quase tudo dinheiro com nossa fuga para a Las Vegas... Dias atrás...

* * *

– Não está pensando naquele ditado... Está? –
questionou o promotor.

–... Ladrão que rouba ladrão tem... CADEIA!

Vinicius Gonçalo Sá de Rezende

Resende

Nasci em Manaus e cresci em Resende.
Apaixonado pelas artes, curso letras na UFMG,
em Belo Horizonte.

Noturna

Durante o caminho para casa, vinham-me, como se tivessem ocorrido há muito tempo, a música, a dança, a performance, o beijo: puro balanço humano de arte e vida que me fizera um animal normal nessa noite.

O Sol surge servindo o café da manhã. Apenas como uma noite o que aconteceu será lembrado, não como a verdade que nos foi revelada em forma de sonho. Nós nos entregamos. Submeto-me ao trauma, aos difíceis desejos, às palavras nervosas, à dificuldade. Ninguém vê ou escuta os assassinatos e suicídios além dos que ao menos até as portas ocelares chegaram. Emanando humildade e amor um santo, um inocente, um veado, a mãe e o filho, tudo isso sou.

Adentro minha pupila. Essa paixão, que espero que seque como a urina das calçadas de bar, representa outra vontade de chegar ao fim da tumba, da qual a escuridão enfim é adaptada aos meus olhos, que vêem tanto. Acalmam-se, choram, vejo tanto. O sorriso dele me some junto com o resto. A noite me

consome e dói. Fui bebido, violado, feito de neon. Não há motivo de resistir ao sofrimento de ver. Não tenho agora salvação, mas quando de tudo estiver despido serei completo finalmente, verei meu reflexo.

O garoto ia pisando na matéria do sonho. Essa noite a escuridão estava nas paredes e nos rostos. Ao longe um ser tão terrivelmente atraente foi visto que infartaram os mortais, sofremos o sofrimento que nos trouxe aqui. Comeram os homens uns aos outros, choraram e engoliram lágrimas de riso e espanto. Os lobos uivaram e todo mundo teve aquela sensualidade da cegueira intuitiva de entreaberta boca canibal.

No fundo de cada um a latência pulsou ininterrupta – queríamos gozar, engolir o proibido. Atingi a louca lucidez, conquistei a imortalidade, as múltiplas mortes e renascimentos. Fogo, vício, de noite se vive e de dia se dorme. Nas boates, becos e camas gritaram e geraram os com rotina. Saíram às ruas os seus moradores, donos da cidade. Até o único sóbrio erigiu e ejaculou quando beijou a boca cercada de barba, relaxado.

Temos medo, preferimos morrer a não sentir na pele esse pavor cutâneo. Era madrugada, era o aniversário dele, estávamos no limbo. Próximo

domingo essa multidão comparecerá adiantada na missa dele de sétimo dia, antes de ser aniquilada no apocalipse. Tem gente que não vai porque tem para fazer algo de melhor. Essa latência, a verdade pura que foi profundida, não durou segundo ou cinco minutos, mas o instante inalcançável, indireto e cru. A crueza do mergulho.

Essa noite beijei sem ter feito um acordo, numa submissão mútua, com a língua do gato. Não fizemos as pazes. Machuca esse corte de navalha até hoje, enquanto a barba e a boca que baba e sorri sorrindo foram embora. E esse holograma sempre estará ali, parte de mim, avião difícilimo de decolar que sempre aterrissa aqui nas linhas de passado e presente que tecem o futuro. Que informalidade sonora, que sono...

Sou-te e te liberto desse feitiço, dessa história. Libero o cachorro e a louca aprisionada pelos monstros do poente, cabelos longos flamejantes, olhos brancos e costume de gritar, mania de chorar pela criança que tinha perdido. Ela me agradece – pelo que? Com vista para o mundo me deito alçando vôo em busca de um oásis.

Sala escura. Da janela redonda de vidro amarelo bate uma luz. Aparece no fim de seu feixe um

espelho. Cheia de graça, uma violeta nele se reflete. Belíssima que é uma violeta, imagine duas. As paredes verdes. Como? Estava eu no banheiro da casa da minha avó, meus sapatos de cristal na porta e minhas roupas no cesto de roupas sujas.

Olhei meu reflexo no espelho. Lindo sou e o estava meu corpo. Impuro, mas nada que uma espuma e um sacrifício não resolveram.

Existe uma fonte de água pura que me adoça. Me apoio na pia, entro na banheira. Não tem quinas e meu sexo endurece na água gelada, sinto frio, esquento a água. Queimo e meu corpo se dissolve. Dos tempos de tristeza tive o tanto que era bom. Se soltou a solidão do meu coração resignado e mudo, no compasso da desilusão.

Logo voltarei de baixo d'água terno, lasso, morno, amor, amor. Amo. Respirar é bom. Ah, sorriso, como quero estar errado sobre ti. Como quero que você seja o primeiro. Quem dera eu também pudesse te ter de dia.

Uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente.

Toco sua mão. Já pensava no vídeo que faria sobre a morte trágica do bichano.

- Coitado! (com lágrimas nos olhos) Foi atropelado.
Um acidente.

Poesias
Premiadas

Carlos Brunno Silva Barbosa

Valença

Carlos Brunno Silva Barbosa nasceu em Barra do Piraí/RJ, tornou-se escritor quando passou a residir em Valença/RJ, é professor de Português na E. M. Alcino Francisco da Silva, na região rural de Teresópolis/RJ, e tanto ele quanto seus ‘escritores alunos’ já ganharam concursos literários regionais, nacionais e internacionais. Possui 9 livros publicados, é organizador-criador do Sarau “Solidões Coletivas”, de Valença/RJ, e autor do blog “Diários de Solidões Coletivas”.

O viajante

Mesmo embaçados pela neblina das noites outonais,
seus olhos beijam todas as passantes da Quai
| d'Anjou.

Mesmo molhados pelas chuvas no fim da tarde
| primaveril,
seus olhos avistam os longos céus acima de Nova
Jersey.

Mesmo resfriados pelo orvalho das manhãs
| invernais,
seus olhos sorriem para os pedintes na Rua da
| Baixa.

Mesmo ressecados pelo sol do início da tarde veranil,
seus olhos planejam tempestades no Castelo de
| Moor.

As mesmas estações do ano no Hemisfério Sul,
os mesmos pontos de ônibus no município natal,
os mesmos olhos inquietos do passageiro que
| febrilmente lê,
porém cada virada de página é um novo mundo que
| vem,
cada livro aberto é uma viagem diferente, é outro
| perto além.

Edmilson Naves de Oliveira

Resende

Os loucos das ruas sob marquises, ou mesmo os que dormem em camas quentes, surtam pela falta de amor e solidão.

Surtados

As vezes ouço gritos
Que vem das ruas
Onde dormem gentes
Sob marquises, bêbados
E eles parecem loucos
Como todos que vivem
Em camas quentes
Que também surtam
Sem bebidas e drogas
Surtam pela solidão
Pelo amor que não
Suportam em não ter
Gritam pelas manhãs
Cantam na madrugada
Outras vozes dos mesmos
Invadem suas cabeças
E transbordam seus
Desejos e visões
Necessidades avulsas

Eduarda Vaz Guimarães

Volta Redonda

Nasceu em Volta Redonda em 1997, é poeta, professora e revisora. Acredita que a voz, quando se faz palavra, dança. Por isso, escreve. Publicou o livro *Aresta* (Macabéa Edições, 2017), além de outros poemas em revistas como *mallamargens*, *Gueto*, *Lavoura*, *Odara* e *Zumbido*. É vencedora, na categoria Poeta, do Prêmio Olho Vivo 2018. Licenciou-se em Letras: Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sílvia

29 de dezembro de 2018, verão no Rio de Janeiro
a casa tem seu perfume
hoje
passei no mercado mais cedo
trouxe pêssegos comigo, sem sacola
na mão
cheiro e textura mesclados
senti que trazia você comigo
diretamente do mercado
olha o lugar onde fui te achar
quando aos dez perguntei para onde você teria
ido
nunca imaginaria que para o mercado
mas era de esperar que estaria perto das frutas
das doces, das azedas, das molhadas, das lisas e
das enrugadas
(sempre te vi assim)

minha mãe me disse que você tinha virado estrela
(eu tentei acreditar, mas não te achava no céu)
vai dar risada quando eu contar da fruta,
sim, fruta
faziam onze anos que te procurava com
telescópios
para descobrir que de olhos fechados eu te achava
pelo cheiro, vó
cortei o pêssigo que nem você, coloquei na boca
um pedaço grande
que nem você de novo
só reparei depois
molhei os dedos todos, melando as bochechas e o
cabo da faca
que nem você
com você, porque você ainda estava do meu lado
ia pegar um outro
que nem você
quando
no reflexo da faca
vi seus gestos em mim
na mão, na boca, na bochecha

eu estava que nem você
foi ai que descobri
que além do mercado
do pêssego
(e, em hipótese alguma, das estrelas)
você sempre esteve em mim
um beijinho doce, vó

Elaine Cristina de Oliveira Santos

Barra Mansa

Meu nome de escritora é Elaine Santos. Sou funcionária pública em uma escola de Volta Redonda e moro em Barra Mansa, onde nasci e vivo até então. Sou escritora de poemas e contos. Tenho 33 livros escritos, dos quais 16 já foram publicados. Tenho livros de poesias, romances e poesias, poesias cristãs, romance com receitas, romance e estou trabalhando em um livro de contos apenas. O meu primeiro livro Poemas da Poetinha foi publicado pela Editora Autografia e em 2018 fui convidada, participando do projeto Antologia Palavreiras por Rapha Santos; do qual vários outros autores participaram também.

Brasil brasileiro

Brasil, meu país, pequeno mundo
Um mundo de cores, etnias, sabores
Brasil, terra de todo mundo
Nossa terra indígena, cheia de amargores!

Brasil, o país dos negros escravos
Do rico e do pobre, do indígena sofrido
Brasil de toda mescla de gente
De culturas “brancas-índio-afrodescendentes”

Brasil, um país que abriga continentes
Asiáticos, europeus e todo tipo de gente
Mora nesta terrinha que quer seguir em frente!

Brasil tem filhos de todas as partes do mundo
E espalha nascidos aqui pra todo canto do mundo!
Onde se vá no planeta, o brasileiro está lá
O brasileiro é guerreiro e gosta de coisas mudar!

José Adal Pereira de Souza

Volta Redonda

Formado em Teologia, com curso de Ciência das Religiões, fui missionário e depois empresário. Aposentado, dediquei-me ao estudo intensivo de História e escrevi e publiquei 06 livros. Sou membro do Conselho de Cultura de Volta Redonda (Patrimônio) em 2018. Pratico ciclismo há 14 anos tendo rodado mais de 70.000 km em quase todo Estado do Rio de Janeiro e partes de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Minha satisfação é ensinar e incentivar os jovens a praticar esporte e abraçar a leitura.

A bela concha do mar

Há no vasto mar uma concha que todos que a veem ficam encantados. Formou-se assim, bela, no decorrer de muitos anos. Quem a conheceu ainda pequena diz que já era linda, sempre foi linda. Também dizem que uma concha nunca muda de lugar, mas esse não foi o caso dessa bela. E não a julgue pela dureza exterior, seu interior é macio, têpido e delicioso. Jovem e exibida, próprio de sua idade, foi notada por um rico mercador. Sedutor e guloso, seduziu-a com palavras airozas e mirabolantes promessas. Tirou-a do mar aberto e a encerrou num aquário de enganosa nobreza. Passou a manipulá-la ao seu bel prazer, tinha-a só para si. Tentou penetrar em seu interior e surrupiar a pérola valiosa que guardava com zelo. O que o esperto negociante conseguiu penetrar foi só uma capa com que ela se cobriu para proteger-se. Continuou inviolada e cada dia mais saudosa do infinito mar. Audaciosa e safa pulou o muro de vidro que no início lhe deu a falsa ideia de que era livre. Um rio generoso a transportou ao mundo que amava. Miríades de seres desfilavam a sua volta e ela ficou deslumbrada com tanta atenção e endeusamento. Falaram-lhe ao ouvido o que tanto ansiava ouvir: és a mais bela entre as belas. Dessa vez não foi tão crédula, mas quis provar para si mesma que não faria feio desfilando entre as lindas daquele reino encantado. Ficou entre as dez mais formosas e ficou satisfeita, mas o diabinho do orgulho que existe em cada um, instigou-a a continuar competindo e, surpresa, viu-se entre as cinco beldades desejadas por todos. Entrementes, o comerciante foi admirar sua posse e ela não se achava mais na prisão que a colocou. Moveu céu e terra e foi encontrar sua prenda ainda mais magnífica e cortejada por corsários de todos os mares. Quis arrastá-la pelos longos cabelos que mudavam de cor a cada onda que passava. Mas era tarde demais, o locutor anunciou: Em primeiríssimo lugar a deslumbrante concha dourada. Um famoso capitão de navio acenou-lhe com uma viagem por todos os reinos do mundo. Porém, as palavras usadas pelo tal lhe acenderam estranho temor: O mundo todo te darei se ajoelhares e me servires. Para isso serve a cultura e a história, nos lembrar antigos contos e lições. A deslumbrada vitoriosa viu de repente que um aquário mais majestosamente enganoso estava para lhe roubar a liberdade e a vida. Pensou consigo: dos males o menor e voltou para a caixa de vidro do mercador. Assim viveu outros tantos anos como objeto de uso exclusivo. Porém, longe dos homens, um anjo a acompanhava dia e noite. Admirava-a imensamente, mas não como os homens que fixavam os olhos em seu exterior, ele quedava-se embevecido com seu interior mirando a pérola

precioso lá ao fundo. Foi esse ser angélico que quebrou as correntes que a mantinham amarrada. Ela estava de volta ao mar, mas envolveu-se em uma névoa que a protege dos olhares indiscretos e cobiçosos. É senhora, se não do mar, de sua própria vida que ninguém a não ser ela mesma tem de levar até seu derradeiro respirar. Há tempos não ouve mais o canto sedutor dos poderosos capitães dos sete mares, nem as palavras adulatoras dos marujos de cada porto, nem mesmo a voz convincente do diabinho vermelho, só ouve a voz da sua consciência que retransmitindo-lhe a voz do anjo lhe diz: Dei-te toda beleza desse mundo como uma prova difícil que tens vencido galhardamente, o que te dará merecer estar novamente entre as mais belas, não mais no mar e sim no céu. Hoje a rainha do fundo do mar vive como uma plebeia humana cheia de majestade. Entretanto, ninguém, nem uma concha é imutável, é há algum tempo ela se transformou numa sedutora sereia e começou, aquela que ouvia cantares, a cantar um polvo que inquieto vivia agitando os tentáculos por ela. Com toda picardia de quem viveu num aquário e no oceano, ela lhe disse: todo mundo sabe que um polvo cozido é molhinho, não é? E cru, você é duro? O pobre sujeito, já em seu natural de poucas palavras, de moreno ficou vermelho feito um pimentão e perguntava-se: o que ela quer dizer com isso? Quem conhece a conchinha desde sempre, mesmo antes de ganhar o título de garota de Ipanema se pergunta: finalmente ela dará agora sua preciosa pérola guardada a sete chaves? Só sei dizer que ela continua sendo a mais bela do mar de Ipanema e de todos os outros mares, e que o tolo polvo é o ser mais contente do planeta.

Marcello Henrique Marques Passos

Volta Redonda

Marcello Henrique Marques Passos, 26 anos, Físico, Poeta e morador de Volta Redonda desde 2006. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente, aluno de Doutorado em Física na Universidade Federal Fluminense (UFF). Amante da literatura desde novo, escrevendo histórias em quadrinhos quando criança e na fase adolescentes rabiscando alguns poemas. Fã e leitor de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Escrevo como forma de transmitir sentimentos, incertezas, acalento e procurando sempre levar ao leitor alguma mensagem.

Por entre os dedos

Deixei-me escapar,
Por entre os dedos
E embaixo do olhar,
O amor de quem
Ensinou-me a amar.
Agora corro ligeiro,
A tentar juntar
Os pedaços do coração
Que ajudei a quebrar.
E mesmo que consiga juntar
O conjunto de pedacinhos
Vermelhos que lotam meu chão.
Resta-me saber se já inventaram
Alguma cola para o coração.
E se a cola vier a falhar?
Ai corro a emendá-los,
Costurando-os devagar.
E se caso a costura falhar?
Como irei conseguir reparar?

Espero que baste apenas mostrar
Que nunca a deixei de amar.

Renata de Melo Orlandi

Volta Redonda

Paulistana, em Volta Redonda há 10 anos, após 5 em Maceió, tem muita história para contar. Já atuou como produtora cultural e locutora de rádio, militante do Movimento Hip-Hop, e há algum tempo assumiu a poesia, que escreve desde os 12 anos, como um trabalho, uma forma de militar pelo que acredita, um ponto de apoio, uma força vital. Amante dos concursos de poesia e atividades culturais, volta ao mundo da produção cultural para organizar saraus.

Eu Lírico

Nasci para ser vencedor
Palavra a palavra ela foi me construindo tendo a beleza
como intuito
Ganhar prêmios não é o mais importante para mim,
um poema
Minha meta é atingir o seu coração, sua mente, quem
sabe até virar canção...

As linhas vazias vão sendo por mim preenchidas, ao
passo da inspiração
Enquanto a vida corre lá fora, a vida pulsando como
as batidas de um coração

Poema não é para ser dela, não é para ser seu
Poema é para estar à disposição de quem dele precisar
Deve ser o que já sabemos sendo dito pelo outro
O que já sentimos sendo explicado
Ver o que é “dela” se tornar “meu”

Poema é sentir
É poesia

É o que sou, o que fui, o que serei
O que jamais quero ser ou o que gostaria de ser

Pode seguir regras, mas não é exigente
Importa mesmo o que a gente sente
Quando um coração derrama-se em deleite
Quando um coração reluz ao ser tocado tão forte e tão
de repente

Troféus, medalhas ou podiums
Demonstram que alguém foi tocado por aquelas
palavras
Mas não garantem o sucesso
Do poema mundo a fora

Poema corre o mundo sem deixar rastro
Sendo deixado de lado ou internalizado
Corre olhos, ouvidos e corações
Sendo amado ou odiado

Desejo, eu como poema,
Que as pessoas conosco aprendam
Que não se pode ser sempre bem quisto

Nem nunca jamais serás apenas excluído
É preciso sempre ser quem se quer ser,
Sem pedância ou desdém,
Ser o que o coração contém
Ser e fazer o bem

Robson Chaves de Oliveira

Barra Mansa

Professor de Língua Portuguesa e Literaturas pela
UFF. Ex-jogador de basquete amador paralímpico.
Admirador da Literatura Fantástica.

Mal

Levanto cedo e trabalho

Volto pra casa com o rosto suado

O corpo moído

Enquanto ali do lado, tem um engravatado

Que para tornar o rico bilionário, faz do pobre, um miserável

Na discussão entre Direita e Esquerda, tem morte pra todo lado

E o povo fica dividido

Mal sabe que a corrupção aqui, é como um casal apaixonado

Que na rua briga, mas em casa namora abraçado

Se você é honesto, é chamado de antiquado

Acorda, ó povo!

O Brasil não tem um lado

É do negro, do branco, do pobre

E do honesto engravatado

Vinicius Gonçalo Sarraff de Rezende

Resende

Nasci em Manaus e cresci em Resende.
Apaixonado pelas artes, curso letras na UFMG,
em Belo Horizonte.

Afogado

No castelo mora uma sereia
que deseja conhecer a rotina seca
e se admirar com os pés no Sol ao meio-dia.

As guelras do peixinho dourado sussurram
os segredos vivos do fundo do mar.

A mulher cega vaticina:
o gigante cairá,
o gelo derreterá
e o príncipe na água andar.

A medusa, a madrinha,
a deusa marinha a consola:
na décima-segunda badalada tudo acabará
e respirar fora d'água não é mesmo assim fácil
quando se tem olhos de peixe e a cabeça no céu.

Gotas de verão alagam o mar,
os raios de luz quase chegam ao abissal preto,
de tão escuro azul,
numa graça triste que traz a realidade do mundo

atingindo um coração afogado
pelo mundo.

Uma publicação da
Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br
e-mail: contao@avl.org.br